

Após contato, população myky aumentou

Enviado especial a Juína

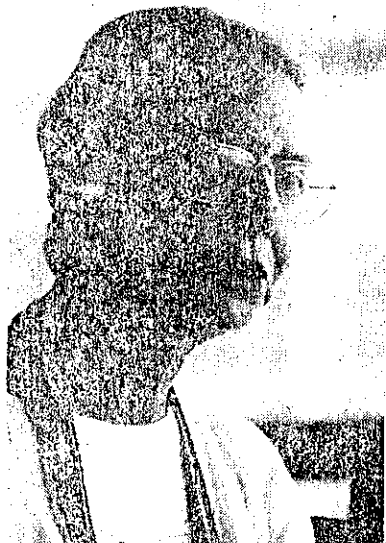
Elisabeth Rondon Amarante

Povo contatado no início da década de 70 por uma equipe de índios e jesuítas, entre os quais Vicente Cañas, os myky também não enfrentam uma redução da população. Na época do contato, eles somavam 22, remanescentes de um massacre de iranxe ocorrido por volta de 1910 na aldeia do Tapuru.

Os mykys, habitantes de matas, são tidos como parentes diretos dos iranxe, que vivem no cerrado. O grupo, que passou décadas distante dos iranxe após o massacre, hoje habita uma área de 47 mil hectares, em Brasnorte, e soma 67 indivíduos.

A irmã da Congregação do Sagrado Coração de Jesus, Elisabeth Rondon Amarante, neta do marechal Cândido Rondon e ex-vice-presidente nacional do Cimi, vive desde 1979 entre os myky, seguindo ideais de respeito às tradições indígenas.

José Luiz Medeiros/DC



Irmã Elisabeth Rondon Amarante



Índios mykys jogam o ajái com bola feita de leite de mangaba, só tocada de cabeça

Segundo Elisabeth — chamada pelos índios de “Jurusi” (pronuncia-se “iuruci”, nome mitológico do pacu) —, um dos maiores desafios para o povo hoje é encontrar formas de sustentação. A pesca e a caça estão escassas. No Rio Papagaio, o mais procurado, os pixes estão sumindo ano a ano, confirma o cacique Ianáxi, de 42 anos estimados. A demarcação das terras, feita de forma rápida para evitar mais prejuízos à tribo, acabou deixando muitas áreas que os índios reconhecem como suas, como pontos de castanhal e tucum. “Eles dizem que hoje está muito apertadinho”, diz Elisabeth.

Outra preocupação é com a saúde. A aldeia registra casos de gripe, pneumonia, bronquite e verminose, que já provocaram a morte de quatro crianças. O Cimi está viabilizando mais dois profissionais na área de saúde.

O contato com a sociedade envolvente e inclusive com outras tribos, que ostentam bens materiais e trazem uma visão mais materialista, consumista, ainda não

conseguiram abolir as manifestações culturais do povo myky. Como o jogo de “ajái” (pronuncia-se “anhái”), uma bola feita de leite de mangaba, que só deve ser tocada de cabeça. O time que deixar cair a paga o erro em espigas de milho.

Os índios praticam rituais sagrados. O principal é na época da derrubada de árvores, quando os homens praticam o canto da “yetá”, transformando-se em espíritos, segundo sua crença.

Segundo o mito dos mykys, eles saíram de uma pedra e caminham para onde mora Nahi (pronuncia-se “narri”), o grande espírito, uma grande casa onde estão todos os antepassados mortos. Segundo narra Elisabeth, uma das danças mais belas dos mykys é quando os índios, caminhando em círculos, representam a caminhada do povo. “Os mais velhos dizem que, se pararem de caminhar, pára a história”, conta Elisabeth. (RV)

Principal testemunha vive na aldeia myky

Enviado especial a Juína

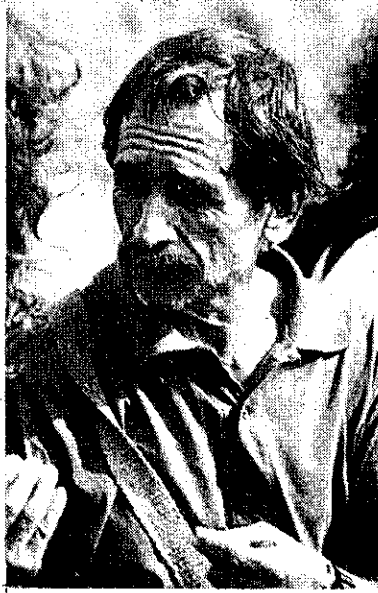
O missionário Thomaz de Aquino Lisboa, 61 anos, prepara-se para uma grande alegria de sua vida na próxima semana: ver o filho, Tupi, de 8 anos, receber os rituais de iniciação do povo myky. Por 15 dias, o garoto ficará numa cabana com o cacique mais velho da tribo, que lhe contará os segredos, rituais e mitos do povo.

A iniciação de Tupi é uma marca da dedicação do missionário ao povo indígena, com quem fez o primeiro contato em 1971 pela Missão Anchieta. Após lutar e conseguir a demarcação do território junto com outros órgãos e entidades indigenistas, autor de dois livros, ex-coordenador estadual do Cimi, ele vive na aldeia há mais de 20 anos. Ali casou-se com uma índia, Njãkau (diz-se "inhãcaú"), com quem teve Tupi. Na tribo ganhou o nome de "Jauka" (pronuncia-se "iaúca").

Após a morte do irmão Vicente Cañas — que ele frisa ter sido seu melhor amigo —, os amigos missionários notaram que Thomaz mudou seu humor e sua forma de comunicação com os "brancos", mudança acelerada pela decisão de trocar o clero pela vida conjugal, refletida arduamente durante quatro anos. Hoje, Thomaz é de uma franqueza desconcertante.

Na audiência da última terça-fei-

José Luiz Medeiros/DC



Missionário Thomaz de Aquino Lisboa

ra, onde ele foi testemunhar no processo, a juíza Marilza Vitória teve que exercitar sua paciência ante os arroubos do missionário, que chegou a cantarolar durante o depoimento. Em outro trecho, respondeu às perguntas com voz em falsete, o que levou a juíza a adverti-lo de que aquilo não era uma brincadeira.

Depois, parou a audiência para perguntar à juíza sobre detalhes de um quadro na parede da sala. As atitudes deram munição à defesa dos

acusados. Após a audiência, Thomaz disse que considerava muitas perguntas já respondidas no processo por ele, ouvido que foi em diversas etapas, daí sua impaciência. Uma pergunta do advogado de defesa, por exemplo, era saber se havia banheiro no lado de fora do barraco onde foi achado corpo de Vicente. Thomaz respondeu que não: "O pessoal cagava no mato mesmo".

De todo o seu longo depoimento, de cinco horas e 40 minutos de duração, surgiram detalhes relevantes, como o fato de garantir ter visto, no barraco onde foi achado o corpo do irmão Vicente, 10 velas queimadas ao mesmo tempo, num banquinho de madeira. O missionário garantiu que nem Vicente, nem os índios enawên-nawê utilizam velas.

Outro dado foi uma conversa que ele teria tido com o fazendeiro Pedro Chiquetti, hoje réu no processo, na Paróquia do Rosário, em Cuiabá, anos ou meses antes do crime (não lhe foi perguntada a data correta).

Conforme Thomaz, o fazendeiro acusava "os padres" de estarem por trás das tentativas de demarcação da Área Indígena Salumã. O missionário também revelou que tanto Vicente quanto ele, passaram a tomar diversas precauções, como nunca andar de barco perto das margens dos rios. (RV)